

A comunicação expressa relações e trocas simbólicas ao nível pessoal, grupal e da sociedade como um todo. Compreender melhor os Meios de Comunicação e os processos de comunicação torna-se indispensável para se passar de uma consciência ingênua, que não questiona os

Meios, para uma consciência crítica, que supere os preconceitos existentes e capte a complexidade de dimensões envolvidas. Esse processo educativo na área da Comunicação – parte do processo maior de educação para o desenvolvimento de todas as potencialidades da pessoa – é denominado Leitura Crítica da Comunicação.

Ler é perceber e julgar, é descobrir as representações da realidade e, simultaneamente, situá-las numa determinada visão de totalidade. A dificuldade de julgamento de muitas pessoas consiste em obter muitos

dados, por exemplo, através de jornais e telejornais, e não saber ou conseguir encaixá-los nessa visão de totalidade, de conjunto. Essa falta de visão contribui para que esses dados permaneçam soltos, não

*Doutor em Ciências da Comunicação, professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP –, do Instituto Metodista e do Colégio Santa Cruz.

interligados e, por isso, não aproveitados, sendo esquecidos imediatamente. A forma de relação que os Meios estabelecem com o público facilita essa desintegração de dados, essa não-incorporação num conjunto coerente, totalizante e organizado.

Educação-leitura crítica é **um processo de constante ajuste no sistema de valores**, um processo onde se entrelaçam a decodificação – a percepção de mundo – e a valoração – a qualificação da percepção –, misturando-se a decodificação e a avaliação.

A leitura ajuda a formar o sistema de valores do indivíduo que, simultaneamente, vai à leitura projetando o seu próprio sistema de valores. São dois momentos do mesmo processo. Os valores também têm um viés social – há valores gerados pelo capitalismo, pertencentes a um grupo de referência –, mas a sua cristalização em cada indivíduo não é idêntica. Podemos constatar que há valores mais universais, que atingem a maior parte da sociedade, como por exemplo os valores fundamentais do modo de ser capitalista, como o consumismo, o individualismo, a competição; e há valores mais localizados, ligados a um contexto religioso, familiar, de trabalho, de classe, de grupo.

A sociedade organiza algumas instâncias de educação para a leitura crítica, como a escola, e incentiva outros espaços onde esse processo se organiza, de forma menos sistemática, como em instituições religiosas, organizações comunitárias, clubes de serviço ou comunidades de base. São espaços diferenciados, permeados por ideologias reprodutoras e transformadoras, mas que realizam, na prática, a organização "oficial" sistemática do saber.

Por outro lado, a educação para a compreensão do mundo tem instâncias muito menos precisas, organizadas, mas não menos eficientes. A família é a instância primeira de organização de compreensão de mundo, de transmissão de valores. Os Meios de Comunicação desempenham um papel pedagógico relevante – não absoluto –, já bastante pesquisado, com dois momentos que podemos diferenciar grosso modo: o momento da pedagogia aberta, do entretenimento, do preenchimento do lazer como atividade principal, e um segundo momento, quando os Meios se propõem a transmitir uma forma de organização do saber: programas mais sistemáticos, com conteúdos organizados em etapas ou dentro de um processo pedagógico definido, como um telecurso.

A educação para a comunicação precisa de **articulação de vários espaços educativos**, mais ou menos formais: educação **ao nível familiar**, trabalhando a relação pais-filhos-comunicação, ou de forma esporádica, ou em momentos privilegiados, ou em cursos específicos; **relação comunicação-escola**, uma relação difícil e problemática, mas absolutamente necessária para o enriquecimento de ambas, numa nova perspectiva pedagógica, mais rica e dinâmica; comunicação na comunidade, analisando os Meios de Comunicação a partir da situação de uma determinada

comunidade. A educação para a comunicação é a busca de novos conteúdos, de novas relações, de novas formas de expressar esses conteúdos e essas relações.

Há **vários estágios de leitura crítica**, dependendo do grau de organização do grupo e do projeto político desse mesmo grupo. A conscientização é uma primeira etapa de compreensão, de desvendamento da realidade, que caminha junto a outro momento: o da organização do grupo, da mobilização, visando a um terceiro objetivo, que seria a ação de mudança, no indivíduo, no grupo, até na sociedade como um todo.

A leitura crítica ganha a sua maior dimensão quando está inserida em um projeto político definido, com estratégias adequadas e organização eficiente visando a uma consecução de objetivos a longo, médio e curto prazos.

A questão da análise dos Meios é mais complexa do que parece à primeira vista. Para a maior parte das pessoas, os **Meios de Comunicação significam modernidade, deslumbramento**, novidade, fascínio, **lazer**, relação dinâmica com o mundo. Os Meios assumem uma dimensão positiva, no seu conjunto. Quando há críticas, são superficiais, esporádicas, momentâneas, não estruturais. Os Meios de Comunicação **parecem transparentes**, evidentes, não problemáticos.

Aí se manifesta a força dos Meios, que representam **e apresentam um modo de vida desejável** – e "possível", ao menos em parte – e que **respondem a necessidades e expectativas percebidas como reais**. Diante dessa fascinação e da aparente transparência dos Meios, os intelectuais chegam com o discurso crítico.

A palavra crítica gera resistências, porque costuma trabalhar com o racional, com a lógica, a ideologia, esquecendo dimensões como o lúdico, o lazer, o cotidiano, o prazer, a alegria, fundamentais na postura com que os Meios se relacionam com o espectador.

O intelectual quer ensinar, educar; os donos dos Meios, divertir, entreter. Esta postura é percebida como mais simpática e adequada, e menos pretensiosa. A resposta é dada claramente na relação dos espectadores com a televisão comercial e com as TVs Educativas ou com programações "culturais" mais eruditas. A TV Educativa termina falando para os mesmos segmentos de público que produzem as mensagens.

De outro lado, há segmentos claramente preocupados com os Meios de Comunicação, principalmente com a influência negativa da televisão na família, nas crianças, na sociedade. São pais de família, educadores, líderes comunitários, grupos religiosos, sensíveis a propostas de educação crítica, porque já vêm desenvolvendo posturas críticas em relação aos Meios. Respondem às propostas de cursos sobre análise dos Meios, mas não chegam desarmados; **trazem toda uma carga de leituras, observações e preconceitos que esperam ver confirmados e justificados** no curso.

O trabalho com lideranças de trabalhadores, com grupos religiosos e com alguns setores educacionais é delicado, porque precisamos responder, antes de tudo, às preocupações desses grupos; não as podemos ignorar, nem enfrentar como inconseqüentes, porque estas preocupações traduzem sistemas de valores arraigados, que não se modificam simplesmente com opiniões contrárias. O trabalho educativo, neste caso, é mostrar contradições nessa percepção, mostrar outros dados que não constam no seu repertório, ampliar as dimensões envolvidas na análise dos Meios: que a educação crítica envolve idéias, sentimentos, novas relações, todo um contexto que é complexo, mas não maquiavélico; que tem dimensões claramente negativas, mas também inúmeras positivas; que envolve o racional, mas também o lúdico, o afetivo.

Se para a maioria da população o problema está em que a TV não é vista como problema, para estes grupos mais conscientes, o trabalho é o de **fazer a crítica da crítica**, desarmar os espíritos diante dos Meios, superando a dimensão racional, a única normalmente desenvolvida.

Educar para os Meios é, em síntese, **problematizar o que não é visto como problema e desideologizar o que só é visto como ideologia**, sem perder as dimensões de lazer, de alegria, de entretenimento e de modernidade, fundamentais para o homem predominantemente urbano e solitário de hoje.

Educar para a comunicação, além de ajudar a compreender as novas codificações, as sutilezas da imagem, da música, da articulação entre o verbal, o visual e o escrito, permite entender o dinamismo da tecnologia, das redes empresariais que estão por trás, tanto ao nível do *hardware* como do *software*, e as articulações comerciais, empresariais, financeiras e políticas do complexo de comunicação.

Educar também possibilita a compreensão do conteúdo veiculado, do conteúdo explícito-implícito, do de evasão-entretenimento-ficção e do "real", da vinculação com o cotidiano, do lógico e do afetivo, do conjuntural e do estrutural.

Educar para a comunicação é orientar para análises mais coerentes, complexas-completas, o que, ao mesmo tempo, ajuda a expressar relações mais ricas de sentido entre as pessoas, os grupos e a sociedade como um todo. É uma educação para novas relações simbólicas e para novas expressões do ser social, não só para análises teóricas.

Educar para a comunicação é um processo que precisa ser adaptado a cada etapa do crescimento fisiológico, cultural, e de acordo com cada grupo social. É um projeto que envolve a escola e todas as instâncias sociais que se preocupam em tornar a sociedade mais justa e mais humana. É uma parte significativa de um processo

educativo maior, que é o de tornar os cidadãos esclarecidos, de olhos abertos para uma sociedade melhor, que se procura relacionar e interagir de forma mais consciente e com expressões mais co-participativas.

O conhecimento dos Meios deve completar-se com ações concretas e possíveis em cada etapa: desde a ação específica de manuseio dos códigos, da busca de novas expressões, da produção e expressão das classes subalternas – leitura e ação crítica – até a inserção dessa leitura ativa num contexto educativo mais abrangente – a serviço de uma visão de totalidade, de melhoria da sociedade – e num contexto político de atuação para reforçar essa mudança.

Por isso é fundamental que a Educação para a Comunicação se articule com as instâncias políticas que estão realmente a serviço da transformação democrática.